

Feminicídios na região de Campinas expõem avanço da violência

Casos resultaram na morte de três pessoas, mulher ferida e crianças hospitalizadas

Por Moara Semeghini

Crimes de feminicídio registrados na noite de quarta-feira (21) em cidades da região de Campinas evidenciam a violência extrema contra mulheres no interior paulista. Os casos ocorreram em Campinas, Itatiba e Sumaré resultaram na morte de três pessoas, além de deixar uma mulher gravemente ferida e crianças hospitalizadas.

Em Campinas, um faxineiro de 28 anos atacou a ex-companheira a facadas e matou o atual namorado dela no bairro Vila Proost e Souza. A mulher, uma atendente de 27 anos, sofreu ferimentos no tórax, na coxa e na boca, além de perda dentária em decorrência das agressões. Ela foi socorrida e encaminhada ao Hospital de Clínicas da Unicamp. O namorado da vítima, o ajudante-geral Gabriel Araújo Claudino, de 19 anos, foi atingido por diversos golpes de faca e chegou a

ser levado ao Hospital Municipal Dr. Mário Gatti, mas não resistiu aos ferimentos. Conforme o registro da ocorrência, o agressor afirmou que atacou o jovem por considerá-lo negligente com a segurança da filha que ele tem com a ex-companheira.

Horas depois, um segundo crime foi registrado em Itatiba, também no interior de São Paulo. Um homem de 23 anos matou a vizinha, de 41 anos, a facadas na Vila Santa Clara, onde ambos moravam em casas localizadas no mesmo quintal. Após o ataque, ele fugiu levando os três filhos, de oito anos, dois anos e um bebê de oito meses, no carro da vítima.

Durante a fuga, já na cidade de Jaguariúna, o homem jogou o veículo contra o muro de uma residência, provocando um forte impacto. Segundo o relato da ocorrência, a colisão foi intencional e teve como objetivo matar as crianças e cometer suicídio. Os três filhos ficaram feridos e per-



Foram registrados crimes em Campinas, Itatiba e Sumaré nos últimos dias

manecem internados. O estado de saúde deles não foi divulgado.

Outro caso de feminicídio foi registrado na manhã desta quinta-feira (22) em Sumaré (SP). Uma mulher de 25 anos foi espancada até a morte pelo companheiro dentro da casa onde moravam, no bairro Jardim Nova Esperança I. O suspeito chegou a fugir após o crime, mas foi localizado e preso horas depois em Hortolândia. O caso está sendo registrado e investigado como feminicídio pela Delegacia de Defesa da Mulher de Sumaré.

Os crimes de feminicídio em São Paulo chegaram a 233 casos no acumulado de janeiro a novembro deste ano, a maior marca desde o início da série histórica, em 2018. Os dados foram divulgados em dezembro pela Secretaria da Segurança Pública (SSP). Somente em novembro, foram registrados 26 feminicídios no estado, número inferior ao do mesmo período do ano passado,

quando houve 35 ocorrências. A capital paulista contabilizou cinco casos no mês e chegou a 58 registros no acumulado do ano, ultrapassando novamente o recorde anterior.

Os números indicam que 2025 pode encerrar como o ano mais violento para mulheres em São Paulo, marcado por crimes de extrema brutalidade. Entre os casos recentes está o de Tainara Souza Santos, de 31 anos, que morreu após permanecer 25 dias internada. Ela foi atropelada e arrastada por cerca de um quilômetro por um homem apontado como ex-companheiro por familiares e amigos. Durante a internação, teve as duas pernas amputadas.

Outro caso ocorreu em Guarulhos, na Grande São Paulo, onde Tatiana Aparecida Vieira, de 40 anos, foi encontrada morta dentro de casa. O principal suspeito é o ex-companheiro, e a vítima possuía ferimentos no rosto

e no pescoço. Já na capital paulista, Sueli Araújo de Souza, de 42 anos, foi morta com mais de 20 disparos enquanto estava em uma adega no Grajaú, na zona sul.

Os registros de estupro também permanecem elevados. No acumulado do ano, o estado contabilizou 13.355 ocorrências, número semelhante ao de 2024, com variação de 0,9% para baixo. Em novembro, foram 260 casos.

SSP

Em nota divulgada à época, o governo Tarcísio de Freitas (Republicanos) afirmou manter uma política intersecretarial voltada à segurança, à saúde e à autonomia financeira de mulheres. Segundo a gestão do governo do estado, entre as iniciativas estão o Protocolo Não se Cale, o aplicativo Mulher Segura, a Cabine Lilás, as Casas da Mulher Paulista, o monitoramento de agressores e auxílio-aluguel para mulheres vítimas de violência doméstica.

Acordo pode abrir caminho para a produção de injeção contra HIV no Brasil

Por Moara Semeghini

Um acordo firmado entre a farmacêutica responsável pelo lenacapavir e a Fundação Oswaldo Cruz (Fiocruz) abriu a possibilidade de que a injeção semestral de prevenção ao HIV venha a ser produzida no Brasil no futuro. O medicamento está no centro de um estudo nacional coordenado pela Fiocruz, do qual Campinas é uma das cidades participantes, ao lado de outros cinco municípios.

A cooperação envolve um membro de entendimento com o Instituto de Tecnologia em Fármacos da Fiocruz (Farmanquinhos) para avaliar a viabilidade de uma eventual transferência de tecnologia. O documento não representa um acordo definitivo, mas estabelece as bases para aná-

lises técnicas e econômicas que podem permitir, em etapas posteriores, a fabricação nacional do medicamento.

Paralelamente às discussões institucionais, o lenacapavir será utilizado no estudo ImPrEP LEN Brasil, que pretende avaliar a implementação da profilaxia pré-exposição (PrEP) injetável no Sistema Único de Saúde (SUS). A pesquisa será realizada em Campinas, São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador, Manaus, Porto Alegre e Florianópolis, com foco em populações mais vulneráveis à infecção pelo HIV.

A injeção é aplicada apenas duas vezes por ano e representa uma alternativa à PrEP oral, atualmente baseada no uso diário de comprimidos. Especialistas apontam que o novo formato



Acordo foi firmado entre a farmacêutica e a Fiocruz (foto)

pode ampliar a adesão à prevenção, especialmente entre pessoas que enfrentam dificuldades para manter o tratamento contínuo.

O lenacapavir já possui registro da Agência Nacional de Vi-

gilância Sanitária (Anvisa) para uso no país, mas a incorporação ao SUS ainda depende de etapas como definição de preço e avaliação pela Comissão Nacional de Incorporação de Tecnologias no

SUS (Conitec). Nesse cenário, a possibilidade de produção local é vista como estratégica para reduzir custos e ampliar o acesso.

Segundo a Fiocruz, a eventual fabricação nacional do medicamento dependerá dos resultados dos estudos de viabilidade e das negociações entre as partes. A instituição destaca que iniciativas desse tipo seguem o histórico de parcerias voltadas à ampliação do acesso a medicamentos estratégicos para a saúde pública.

Em Campinas, a participação no estudo coloca o município entre os polos de avaliação de uma das principais inovações na prevenção do HIV. A expectativa é que os dados contribuam para orientar decisões sobre a adoção da PrEP injetável em larga escala no país.